



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



GABRIEL LUIZ ZANERATTO

**INFLUÊNCIAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA PARA A ESCOLHA DO CURSO DE LICENCIATURA
EM EDUCAÇÃO FÍSICA**



Bauru
2023

GABRIEL LUIZ ZANERATTO

INFLUÊNCIAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA PARA A ESCOLHA DO CURSO DE LICENCIATURA
EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ORIENTADORA: PROF^a. DRA. LILIAN APARECIDA FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Educação Física da Faculdade de
Ciências da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Campus de Bauru - Curso de Licenciatura
em Educação Física

Bauru
2023

Z28i

Zaneratto, Gabriel Luiz

Influências dos professores de educação física na educação básica para a escolha do curso de licenciatura em educação física / Gabriel Luiz Zaneratto. -- Bauru, 2023

51 f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru

Orientador: Lilian Aparecida Ferreira

1. Educação Física. 2. Carreira docente. 3. Orientação profissional. 4. Educação básica. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho para as seguintes pessoas:

Meus pais que sempre me incentivaram a prestar vestibular e me forneceram todo apoio financeiro para que eu pudesse me concentrar nos meus estudos, tanto na educação básica como no ensino superior.

Minha irmã, que sempre me acompanhou como grande amiga que é, e me auxiliou quando necessário durante toda minha jornada acadêmica.

Minha orientadora, que pacientemente respondeu minhas dúvidas, ajudou na escolha do tema e foi uma verdadeira parceira durante toda a minha graduação, especialmente durante minha participação no projeto de extensão e no decorrer da elaboração deste estudo.

Minha professora de Educação Física no ensino médio, Luciana Marqueti, que transformou totalmente o meu olhar para a Educação Física e é a minha principal motivação para ter escolhido esse curso.

Meus amigos na graduação Pedro Witzler e Vitória Bigella, que foram fundamentais no auge do período pandêmico, me auxiliando em um momento muito conturbado e difícil da minha vida, possibilitando que eu conseguisse entregar atividades e trabalhos no prazo.

Meus amigos de infância Vitor, Raphael e Mauricio, que sempre apoiaram minhas decisões e ajudaram a moldar a pessoa que sou hoje.

Todos os integrantes do Projeto de Extensão “Ensinando e aprendendo handebol”, incluindo mestres, professores, graduandos e alunos que dividiram conhecimentos e experiências comigo durante meus anos na licenciatura.

E todos aqueles que não mencionei aqui, mas que tiveram algum papel na minha formação durante esse período de aprendizado e trocas que tive na Unesp – Bauru.

RESUMO

Este trabalho busca entender como o professor de Educação física influencia seus alunos a optarem pela carreira docente e quais fatores de sua conduta e aula exercem algum tipo de inspiração para esse interesse. Diante disso, o objetivo deste estudo foi identificar e analisar os fatores que estabelecem motivação para que ingressantes no ensino superior escolham o curso de licenciatura em Educação Física. A pesquisa foi feita através de uma entrevista semiestruturada com participantes selecionados através de um Google Forms, as entrevistas foram realizadas via Google meet, com 4 alunas do curso de licenciatura em Educação Física da Unesp - Bauru de 19 a 22 anos que ingressaram entre 2019 a 2022.

Os resultados deste trabalho são expressos pelas categorias de análise. 1. Um “bom professor” de Educação Física que nos mostra qual a importância de os alunos entenderem que seus professores são bons independentemente de qual modelo de aula utiliza; 2. Boa relação professor-aluno trazendo como é significativo e fundamental ter uma relação de respeito e troca com os discentes para valorizar e subsidiar o gosto pela profissão; 3. Ensinar conteúdos/conhecimentos que dialoguem com as características e gostos dos alunos, evidencia que trabalhar com assuntos que tenham relação com o gosto e interesse dos alunos também exerce uma função para que os alunos se aproximem da Educação Física. Com base nestes resultados, podemos apontar que há alguns fatores sobre os professores de Educação Física na educação básica que podem sim influenciar os alunos a ingressarem no curso de licenciatura em Educação Física, tal qual, valorizar a carreira docente como um todo.

Palavras chave: Carreira docente, Educação Física, Escolhas profissionais.

ABSTRACT

This study seeks to understand how physical education teachers influence their students to choose a teaching career, and which factors in their conduct and classes inspire this interest. Therefore, the objective of this study was to identify and analyze the factors that establish motivation for students entering college to choose a degree course in Physical Education. The research was done through a semi-structured interview with participants selected through a Google Forms, the interviewees were conducted via Google meet, with 4 female students of the undergraduate course in Physical Education at Unesp - Bauru from 19 to 22 years old who entered between 2019 to 2022.

The results of this work are expressed by the categories of analysis. 1. having a "good teacher" of Physical Education that shows us the importance of students understanding that their teachers are good regardless of which class model they use; 2. good teacher-student relationship bring how significant and fundamental it is to have a relationship of respect and exchange with students to value and subsidize the taste for the profession; 3. teaching contents/knowledge that dialogue with the characteristics and tastes of students, shows that working with subjects that are related to the taste and interest of students also plays a role for students to approach Physical Education. Based on these results, we can point out that there are some factors about Physical Education teachers in basic education that may influence students to enter a Physical Education undergraduate course, such as valuing the teaching career as a whole.

Keywords: Teaching career, Physical Education, Professional choices.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1.....	13
1.1 Influências e motivos para a escolha do curso	13
1.2 A influência do professor de Educação Física.....	15
CAPÍTULO 2.....	18
2.1 O apreço pelo esporte	18
2.2 Educação Física e a sua relação com a prevenção de doenças.....	21
2.3 Relação professor-aluno	24
2.4 Atitudes do professor em situações de preconceito e conflito	26
CAPÍTULO 3.....	31
3.1 Abordagem investigativa.....	31
3.2 Participantes do estudo.....	31
3.3 Técnica de coleta	32
3.4 Análise dos dados.....	33
CAPÍTULO 4.....	34
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	34
4.1 Um “bom professor” de Educação Física.....	34
4.2 Boa relação professor-aluno.....	36
4.3 Conteúdos que dialoguem com as características dos alunos	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
ANEXO 1	49

INTRODUÇÃO

Baseado no principal fator que me motivou a cursar licenciatura em Educação Física, minha professora deste mesmo componente curricular do ensino médio, surgiu o interesse em investigar os fatores que motivaram alunos da graduação do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual Paulista de Bauru pela escolha dessa carreira.

Essa minha relação pessoal com este tema de estudo nasceu no ensino médio, quando tive uma ruptura brusca de modelo de aula de Educação Física que, até então, era o que eu vivenciava no ensino fundamental. O modelo de ensino do ensino fundamental se caracterizava por um tipo de aula no qual os alunos decidiam o que iriam fazer no momento da aula, logo, os meninos mais habilidosos tomavam a quadra e jogavam futsal, enquanto as demais pessoas da turma ficavam pelos cantos da quadra ou sentadas na arquibancada. Ao mudar de escola, no ensino médio, tive contato com uma professora que tinha uma estrutura de aula totalmente nova para mim. Em tal modelo de ensino, tive acesso a diversos conteúdos que eram trabalhados por meio de discussões e aulas práticas, apresentações de trabalhos e confecções de matérias escritas.

Ao confrontar estes dois modelos de ensino de Educação Física, percebi que tinha aproveitado muito as duas experiências na Educação Física, porém a do ensino médio se destacava mais para mim, pois a intervenção da minha professora em adaptar aulas e fomentar a participação de todos alunos, ações que, como um todo, me mostraram a pluralidade da área e outras formas de atuação, me levaram a valorizar o papel do educador.

Por isso busco, neste trabalho, outras histórias nas quais professores de Educação Física tenham sido influenciadores para a escolha do curso de licenciatura em Educação Física, buscando, identificar quais foram os fatores que alimentaram essas influências.

A carreira docente é envolvida por muitos fatores e rodeada de desafios que levam os professores à diversas situações, sendo elas positivas ou negativas. Segundo Felz (2003, pg.4) “[...] ser professor significa, antes de tudo, ser um sujeito capaz de utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para desenvolver-se em

contextos pedagógicos práticos preexistentes”. Destas ações docentes resultam os processos de construção de vivências e experiências por parte dos estudantes da educação básica. Dentre elas, podemos destacar aquelas de natureza positiva ou negativa e que conduzem ao interesse pelas práticas corporais ou ao afastamento das mesmas. Algumas destas situações podem, inclusive, ser alimentadas pelo comportamento daqueles professores que ministram aulas denominadas “rola bola”. Aulas estas nas quais o docente se limita a disponibilizar a bola para a prática do futsal de modo espontâneo e sem orientação, tendo como consequência aulas repetitivas, monótonas e excludentes, visto que pessoas que não são familiarizadas com os jogos esportivos, principalmente aquelas que são chamados de “não habilidosas”, acabam ficando à margem desta vivência.

Neste sentido, um profissional de Educação Física qualificado é aquele que ensina o conjunto de conhecimentos da cultura corporal de movimento de modo a incluir e envolver ativamente todos os estudantes indistintamente, uma vez que a escola é um espaço democrático de aprendizagem. Com isso, muito provavelmente, formará alunos mais próximos de vivências e experiências positivas com memórias agradáveis e reflexivas sobre as aulas.

Para Valle (2006) a escolha do magistério implica, inevitavelmente, no estabelecimento de ligações afetivas nas relações pedagógicas (professor/aluno) e institucional (professor/direção/colegas), mas, igualmente, das significações acordadas à própria profissão.

Um dos maiores desafios da carreira docente é influenciar de forma positiva as vivências e experiências dos alunos de modo que os alunos se interessem, cada vez mais, e construam uma relação afetiva com as práticas corporais, tendo como interlocutor desse processo o entendimento do papel das aulas de Educação Física em sua formação para o exercício da cidadania. Além disso, tais processos ainda podem contribuir para inspirar os estudantes a ingressarem no curso de graduação de licenciatura em Educação Física.

Estudo de Nehring e Stamberg (2018) assinala que a construção de uma relação afetiva com as práticas corporais se configura como um dos principais fatores que motiva a escolha profissional para a docência no ensino superior e que costuma estar relacionada à influência de um “bom professor”.

Para Cunha (2012) o bom professor é aquele que consegue transmitir com clareza o que ensina, o seu domínio do conteúdo e seu conhecimento da área.

Revisando a literatura sobre esta temática, encontramos algumas ideias e conceitos que expandem a discussão do que pode motivar um indivíduo a cursar licenciatura em Educação Física.

Para Flores (2012), quando a pessoa se percebe competente, capaz de superar desafios, isso a estimula a continuar realizando aquela prática. Daí resultaria o desafio de como fomentar atividades e dinâmicas inclusivas para todos e todas nas aulas que tivessem como objetivo contribuir para que os alunos se sintam competentes para realizar as práticas corporais propostas.

Para Betti e Mizukami (1997) as atividades corporais lúdicas e prazerosas incentivam os alunos a se interessarem mais e se sentirem inspirados em realizar as vivências corporais, marcando também as escolhas pela profissão de professor de Educação Física. De acordo com as autoras: “A motivação para a carreira partiu do prazer em jogar, em brincar. A infância foi muito gostosa” e “Seu melhor modelo foi uma professora primária, da qual se lembra até o nome completo. Para ela, esta professora despertava os alunos para tudo, dava segurança, influenciando-a na postura de professor” (BETTI; MIZUKAMI 1997, p. 109).

Outro relato que corrobora essa relação de vivência/formação acadêmica é a fala do mestre em Educação Física, Fábio Saba em um documentário de 2013 sobre o professor de Educação Física, exibido no Conselho Nacional de Educação Física (CONEF): “Eu tive a sorte de ter bons exemplos de professores tanto no tatame (Judô) como na escola”.

Com base nestes relatos, podemos assinalar que tratam-se de fatores potentes e que podem contribuir e alavancar as escolhas profissionais dos ingressantes no curso de licenciatura em Educação Física.

Tanto em uma aula prazerosa quanto uma postura responsável e comprometida do professor parecem depreender de uma relação de respeito e de boa interação nas aulas de Educação Física entre professor e aluno, ampliando a visibilidade e possibilidades de escolha para a carreira do magistério.

Diante do que foi exposto, o presente trabalho se pauta pela seguinte interrogação: Quais motivos, levam as pessoas a escolherem ser professores de Educação Física?

Com tal pergunta investigativa, o objetivo deste estudo foi identificar e analisar os fatores que estabelecem motivação para que ingressantes no ensino superior escolham o curso de licenciatura em Educação Física.

Em termos de organização estrutural, este estudo foi construído da seguinte forma:

No capítulo 1, buscamos na literatura obras que nos elucidaram alguns fatores que motivam o ingresso em curso de licenciatura no geral e na Educação Física em específico, qual é o papel do gostar de esportes para essa escolha e algumas formas de como o professor pode se diferenciar dos modelos tradicionais de aula e, por fim, salientamos fatores que influenciam a escolha do magistério sendo eles familiares ou vivenciados em aula.

Já no capítulo 2, aprofundamos esses estudos focados nas ações dos professores de Educação Física e no que a literatura aponta que é significativo para os alunos, como por exemplo, a Educação Física na prevenção de doenças, a relação professor-aluno e como isso se reflete nos discentes e na intervenção do professor em situações de preconceitos e conflitos.

A trajetória metodológica será tratada no capítulo 3, trazendo o método de realização desta pesquisa. A utilização do questionário como balizador para encontrarmos graduandos do curso de Licenciatura que tinham tido alguma influência de seus professores de Educação Física na educação básica para ingressar no curso. Posteriormente, para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro pessoas com a idade entre 19 e 22 anos.

As análises geradas a partir da articulação entre os dados coletados e as reflexões com a literatura serão os elementos em destaque no capítulo 4, nele abordaremos três categorias de análise, sendo elas:

- 1) Um “bom professor” de Educação Física;
- 2) Boa relação professor-aluno;
- 3) Ensinar conteúdos/conhecimentos que dialoguem com as características e gostos dos alunos.

As considerações finais encerram essa produção com ponderações que salientam as conclusões extraídas do estudo e os cuidados que temos que tomar nas investigações sobre os fatores que motivam as pessoas nas escolhas das carreiras profissionais.

CAPÍTULO 1

INFLUÊNCIAS E MOTIVAÇÕES PARA O INGRESSO NA CARREIRA DOCENTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Este capítulo buscou demarcar o cenário teórico deste estudo, bem como, apresentar alguns estudos sobre as influências e motivações das pessoas para ingressarem no curso superior de licenciatura em Educação Física.

1.1 Influências e motivos para a escolha do curso

Segundo Krug e Krug (2008), o momento da escolha da profissão por um indivíduo refere-se à motivação criada pela razão e que pode ser consciente ou inconsciente.

Krug et al. (2017), em uma pesquisa com 20 alunos de graduação em planejamento de Educação Física, revelaram que todos responderam que Educação Física era esporte. No entanto, quando questionados se gostariam de seguir a carreira docente, metade respondeu que sim. Nesse caso, podemos concluir que o esporte é mais valorizado do que a profissão docente. Em outro estudo de Krug *et al.* (2017) em relação à licenciatura, foram analisados os desempenhos sociais dos alunos durante o curso e ficou claro que ser treinador, gostar de esporte e ensinar eram as associações feitas ao professor de Educação Física.

O gosto pelos esportes parece estar em consonância com o dito por Silva e Krug (2012) de que as aulas de Educação Física na escola e as atividades físicas fora do ambiente escolar (esportes, danças e lutas) influenciam muito na escolha da profissão. Dizem também que, ao escolhermos uma profissão, somos motivados a fazer essa escolha pelos sentimentos e conhecimentos que temos com base em experiências que fazem parte da nossa vida.

Santini e Molina Neto (2005) apontam que a grande maioria dos professores de Educação Física não receberam orientação profissional suficiente durante a escola, o que dificulta a tomada de decisões sobre a carreira profissional.

Por outro lado, Bordieu (1998) afirma que a escolha da profissão é determinada pelas chances de sucesso vistas pela pessoa. Se ele sabe que não

passará em um determinado curso, mas pode passar em outro, ele direcionará seu interesse para outro, dando-lhe mais chances de sucesso. As pessoas tendem a colocar o que parece fora de alcance, fora de vista para eliminar possíveis decepções.

Figueiredo (2008) diz que as situações em que um aluno escolhe a Educação Física como profissão são completamente diferentes. Ressalta também que há situações em que a escolha é a primeira opção; outros onde representa uma segunda ou até terceira opção. Ao mesmo tempo, também destaca que, na escolha de um curso, as experiências relacionadas ao esporte ou mesmo o parentesco com hobbies de exercícios físicos são levadas em consideração apenas se as influências sociais e culturais do acadêmico permitirem.

Almeida e Fensterseifer (2007) afirmam que a escolha profissional não é uma tarefa fácil. Nesse sentido, também são os interesses e intenções dos outros que medeiam as decisões que estão sendo tomadas. Isso reforça a tese já esboçada, segundo a qual a escolha da profissão de professor não é apenas o resultado da escolha individual, mas um conjunto de fatores externos que formam as condições de vida em que se dão os momentos da escolha.

Krug *et al.* (2009) argumentam que o especialista em Educação Física está despontando como um facilitador do exercício, com um papel importante na promoção da saúde, educação e prevenção de doenças que promove estilos de vida mais saudáveis.

Outro fator encontrado que fomenta a ingressar na carreira docente é gostar de ensinar. Joyce e Clift (*apud* GARCIA, 1999, p.81) dizem que “[...] a capacidade de aprender e o desejo de usar esse conhecimento é o produto mais importante da formação docente”.

Silveira *et al.* (2008) mencionam que uma das razões pelas quais as pessoas escolhem um determinado curso é porque elas querem trabalhar em um emprego específico.

O estudo de Krug e Krug (2008), que foi realizado com acadêmicos da antiga licenciatura plena (Currículo de 1990) do CEFD/UFSM, isto é, antes da divisão da Educação Física em licenciatura e bacharelado, concluiu que os acadêmicos escolheram esse curso porque os professores eram uns de seus maiores modelos.

Castello (*apud* KRUG; KRUG, 2008) diz que um professor de Educação Física influencia as pessoas por meio de seu bom exemplo, que demonstra tanto no

ensino quanto na ação. No entanto, essa influência é principalmente de uma pessoa para outra, importante que tenha compreensão, aceitação e respeito de ambos.

Os estudos de Maschio *et al.* (2009) constataram que vincular cursos a outras áreas da saúde é uma das razões pelas quais as pessoas escolhem a Educação Física como carreira. Melhorar a qualidade de vida dos alunos por meio da mudança já é motivo para escolher um curso.

Biguelini e Rossato (2016) destacam que a escolha da carreira é um fator determinante na vida das pessoas, a valorização desse momento é importante não só para as profissões relacionadas ao curso de Educação Física, mas em todos os campos onde os tomadores de decisão precisam, ao menos, saber qual será sua formação e qual será seu campo de atuação.

Pensando sobre, Primi (2000) destaca que a escolha principal da carreira pode ser considerada uma das etapas mais paradoxais do processo escolar, Já que cerca as pessoas de muitas incertezas, duvidas e reflexões acerca do que gostamos de fazer e o que nos motiva a seguir determinada carreira no longo prazo.

1.2 A influência do professor de Educação Física

Sabemos que as memórias de professores ou técnicos deixaram vestígios na vida dos acadêmicos e estão ligadas às características desejáveis ou modelos a serem seguidos.

O professor de Educação Física influencia o aluno, muitas vezes, como pessoa e outras como profissional, tanto pelo que ensina como pelo exemplo de modo geral. Nascimento (2008, p. 610), ilustra essa ideia afirmando que:

[...] as lembranças de professores que deixam marcas na vida dos acadêmicos podem estar ligadas a dois sentidos: há os que possuem características desejáveis, modelos a serem seguidos e imitados, e a há aqueles cujos exemplos devem ser evitados.

Krug e Krug (2008b), destacam que gostar do que se faz é uma das características principais do bom professor de Educação Física, desta maneira, a percepção desse fato pode levar o aluno a identificar-se com a profissão. Ainda segundo Krug e Krug (2008a), um dos motivos da escolha da profissão pelos acadêmicos de Licenciatura em Educação Física do CEFD/UFSM foi à identificação com a profissão.

Ao preparar as aulas, os professores de Educação Física devem responder as perguntas: O que usar? O que? Por quê? Então, suas aulas são realmente significativas e o aluno tem um processo de aprendizado para lembrar com carinho das aulas de Educação Física.

O professor de Educação Física trabalha com o corpo, não somente vinculado ao movimento, mas com a totalidade do ser humano, suas características pessoais e subjetivas (sentimentos). O corpo, para essa área do conhecimento, tem um significado amplo construído através da história, ele é o meio utilizado pelo cérebro para se comunicar e interagir, portanto, significar e ressignificar o mundo. Por isso, não temos um corpo, somos um corpo, sempre em movimento (ZOBOLI et al., 2013).

Castello (*apud* HURTADO, 1983) coloca que o professor de Educação Física influencia o aluno, quer como pessoa, quer como profissional, tanto pelo que ensina como pelo que faz, pelo bom exemplo que lhes dá. Portanto, esta influência é sobretudo de uma pessoa para outra, numa relação mútua, na compreensão, na aceitação e no respeito, tendo sempre em conta a liberdade interior e a individualidade da outra pessoa.

Portanto, mesmo que a influência do professor seja negativa, ou seja, tem uma prática pedagógica deficiente, segundo Fensterseifer (2007), o desejo do acadêmico de marcar novas atividades na Educação Física escolar reflete a possibilidade de se envolver na formação de uma nova referência para a disciplina a partir de uma prática diferenciada.

De acordo com Betti (1992), é finalmente necessário direcionar o aluno para encontrar as razões para o exercício, para promover a formação de atitudes positivas em relação à atitude física, para levar a aprender o comportamento mental e motor de seu corpo.

O professor deve oferecer aos alunos um amplo leque de informações que ofereça aulas integradas e competentes, e não focar apenas no progresso atlético ou em atividades em que o aluno não considera suas atividades no contexto da educação física escolar. O professor tem um papel fundamental ativo no ensino-aprendizagem (OLIVEIRA, 2012).

Contreira *et al.* (2009) destacam que, segundo os pesquisadores do curso de graduação do CEFD/UFSM, assumir a responsabilidade pela formação do aluno

na vida pessoal e profissional é uma das consequências da decisão de se tornar professor de Educação Física.

CAPÍTULO 2

FATORES QUE PODEM INFLUENCIAR NA ESCOLHA DA CARREIRA DOCENTEM EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Neste capítulo serão tratados alguns fatores que podem contribuir para influenciar as pessoas na escolha da profissão de professor de Educação Física.

2.1 O apreço pelo esporte

A prática corporal na escola dá ao aluno a oportunidade de se expressar física e teoricamente, sobretudo, e assim obter boas condições de convivência no espaço escolar e na sociedade como um todo. Além disso, crianças motoramente ativas aprendem ao se movimentarem e alcançam uma excelente qualidade de vida (BASEI, 2008).

A escola é um lugar para desenvolver estratégias que promovam o movimento e a educação saudável e, nesse contexto, o movimento torna-se uma importante ferramenta, principalmente para grupos socialmente desfavorecidos. (LIMA, 2012).

Para Basei (2008), a atividade física vivenciada na infância e juventude caracteriza-se como importante influência na formação de atitudes e hábitos que podem auxiliar na escolha de um estilo de vida fisicamente ativo na vida adulta.

A consciência corporal é fundamental para uma pessoa, é saber do seu corpo, saber que o corpo reage ao movimento que está sendo feito, é saber o que a criança tem consigo mesma e tem muito a ver com o futuro, sendo pronto para todas as situações que a vida traz, pois também sabe lidar com os problemas e viver em sociedade como cidadão.

Santos (2005) diz que o movimento é a primeira forma de expressão da criança, pois desde o ventre ela faz movimentos com o corpo, então o movimento é fundamental para um ser vivo. Dessa forma, o movimento da criança não deve ser impedido, pois ela aprende movendo-se.

Por isso é importante e fundamental que haja essa relação entre professor, aluno e escola, uma precisa do outro. Em teoria a escola tem o papel de promover

ambientes onde os alunos se sentem confortáveis e seguros, e em casos em que isso acontece, essa instituição consegue fornecer as ferramentas necessárias, professores qualificados e confortáveis com sua profissão, podem ensinar atividades que despertam a curiosidade.

Lima (2012) entende que a educação em saúde não é apenas uma disciplina escolar, mas um princípio de vida que influencia o desenvolvimento da consciência corporal saudável e visa atividades dedicadas e independentes de integração biopsicossocial.

A Educação Física não é apenas movimento por movimento, ela vai além disso, ela vai além, torna a pessoa cada vez mais humana a cada movimento, mais enérgica para realizar suas tarefas diárias, mais capaz de estar presente e enfrentar a vida (FREIRE, 2009).

Oliveira (2000) confirma que a inatividade das crianças irá prejudicá-los no futuro. O sedentarismo tem crescido nos últimos anos no Brasil e no mundo e, de acordo com Guedes (1999), infelizmente, em razão da progressiva automação e mecanização observada nos dias de hoje, a necessidade de realizar movimentos é compensada pelos avanços tecnológicos, a sociedade atual vem cultivando hábitos de vida cada vez mais sedentários (GUEDES, 1999).

A partir destes apontamentos sobre sedentarismo atingindo as crianças e adolescentes, e conjuntamente ao fato das novas tecnologias como smartphones e tablets trazerem o entretenimento sem nenhum esforço físico, Oliveira (2000) faz uma observação importante ao salientar que o processo de afastamento de crianças e jovens das práticas corporais pode ser revertido na escola, principalmente nas aulas de Educação Física.

Portanto, podemos considerar que a Educação Física na escola é uma ferramenta favorável às práticas corporais e ao cultivo de estilos de vida saudáveis, pois seu conteúdo inclui ginástica, esporte, atividade rítmica, dança, entre outros movimentos corporais que podem estar intimamente relacionados às propostas de formação continuada de professores para qualificação em saúde, com práticas de aprendizagem voltadas para isso (GUEDES, 1999).

Segundo Gaier (2001), uma das dificuldades relacionadas a apreciar e sentir a Educação Física é uma percepção de desvalorização por parte do aluno, em geral sobre os objetivos das aulas. Muitas vezes, o aluno não sabe por que faz alguma

atividade ou movimento, nem os valores socioculturais e o significado da prática pedagógica da educação física.

Existem alunos de diferentes culturas, e a escola deve ter um professor qualificado para ensiná-las. No ambiente escolar, principalmente nas aulas de Educação Física, o caráter do professor parece ter um papel importante. Podemos citar, por exemplo, a estruturação de aulas dinâmicas e interessantes, para alcançar uma aprendizagem efetiva com a participação de todos os alunos. O professor também deve assumir o papel de agente motivador (OLIVEIRA; ALVES, 2005).

Uma situação que costuma ocorrer nas aulas é a falta de tempo para que os alunos expressem suas opiniões, tirem dúvidas e participem da (re) estruturação das aulas de Educação Física a partir de suas necessidades e experiências (LIMA; LEITE, 2019). Porém, seria interessante que houvesse mais diálogo com e entre os alunos, isso poderia fazer a diferença. Por exemplo, os alunos poderiam ser envolvidos, junto com o professor, a discutirem o que pretendem aprender e porque, bem como, com quais atividades.

De acordo com Brasil (2018), os alunos dos anos iniciais, possuem modos próprios de vida e múltiplas experiências pessoais e sociais, o que torna necessário reconhecer a existência da infância no plural e, conseqüentemente, a singularidade de qualquer processo escolar e sua interdependência com as características da comunidade local. Logo, a Educação Física é essencial na vida da pessoa.

Entretanto, conforme Rivas (*apud* BARDAGI; LASSANCE; PARADISO, 2003), a escolha profissional não tem o mesmo significado para todos os indivíduos, pois enquanto, para muitos, as decisões e mudanças profissionais são vividas de forma mais tranquila, para outros é muito difícil.

Saraiva e Ferenc (s.d.) destacam que a escolha de um curso superior de formação profissional é um momento importante e que pode influenciar a futura carreira profissional, a relação com o pertencimento social, a autorrealização pessoal e profissional.

Segundo Bohoslavsky (1977), a escolha ocupacional pode ser definida pelo trabalho, o que fazer, quem ser e onde pertencer no mundo. Por outro lado, Lemos (2018) afirma que escolher uma profissão significa assumir uma identidade: quem eu quero ser no futuro e me colocar diante dos outros e de mim mesmo. Significa também avaliar o preço que se está disposto a pagar por essa escolha.

Segundo Figueiredo (2008), as experiências construídas pelos alunos durante o ensino fundamental e médio são levadas em consideração na escolha de um curso.

Observamos que muitos acadêmicos de Educação Física trazem lembranças de suas aulas de Educação Física, o que é evidenciado por Figueiredo (2004), que defende que a experiência social, construída durante sua trajetória, dentro e fora da escola, interfere, influencia ou, de alguma forma, modela o perfil de formação inicial.

De acordo com Becker; Ferreira; Krug (1999), o gosto pelo esporte é o principal motivo pelo qual as pessoas escolhem a Educação Física como profissão. Nesse sentido Feil (1995) enfatiza que o fator determinante para a existência de desempenho no trabalho é se você gosta do que faz.

Segundo Verenguer (1995), esse motivo de escolha profissional é reforçado na educação básica, uma vez que a maioria dos cursos brasileiros de pós-graduação em Educação Física enfatiza a formação profissional voltada principalmente para a atuação no esporte.

Para Santini e Molina Neto (2005), a maioria dos ingressantes na Educação Física não aspiram ser professores. Trata-se de ex-atletas ou pessoas que já trabalharam na área do esporte, que, tendo feito carreira, optaram pela educação esportiva que já conheciam.

Novaes (1999) diz que a aptidão, a personalidade e as características individuais, bem como o tipo de atividade relacionada à vida cotidiana e a área de especialização devem ser levados em consideração na escolha de uma profissão, pois o ideal é que a pessoa trabalhe sempre na área que gosta.

2.2 Educação Física e a sua relação com a prevenção de doenças

Muitos professores escolhem a educação física porque querem ajudar seus alunos a alcançarem qualidade de vida.

O sedentarismo pode causar doenças como hipertensão, diabetes, obesidade, ansiedade, colesterol alto. Sendo assim a Educação Física é uma disciplina que abre caminhos para uma boa qualidade de vida, e melhor convívio familiar e social.

Lima (2012) compreende que a educação em saúde não é apenas um currículo escolar, mas constitui um princípio de vida que desempenha um papel no desenvolvimento de uma consciência corporal saudável.

O ensino da cultura corporal de movimento nas escolas passou por muitas mudanças ao longo do processo histórico. De acordo com Betti e Zuliani (2009), desde a década de 1920, a Educação Física era desenvolvida como uma atividade complementar, não seguindo um currículo escolar, possuindo objetivos diversificados, atribuindo um caráter refém do contexto histórico, como por exemplo, higienista, treinamento pré-militar, formação de atletas, entre outros.

Gaier (2001) coloca que o esporte é um dos conteúdos privilegiados historicamente na prática pedagógica do professor de Educação Física, sendo que, na maioria das vezes, está vinculado à visão de treinamento, competição, rendimento e desempenho esportivo.

Estudos mostram que uma intervenção de exercício sob a orientação de tem um efeito benéfico no índice de massa corporal de jovens (RUOTSALAINEN *et al.*, 2015).

A atividade física combinada com mudanças comportamentais e alimentares é considerada a melhor forma de intervenção para evitar doenças.

De acordo com Caspersen *et al.* (1985) a atividade física é definida como movimentos corporais produzidos pelos músculos esqueléticos, resultando em gasto de energia maior do que em repouso. Assim, a energia total necessária para realizar um determinado movimento corporal deve alterar a atividade física necessária para o mesmo movimento.

Em um estudo de Silva e Malina (2000), mostraram um estilo de vida sedentário entre crianças e adolescentes de 10 a 19 anos, sendo 85% meninos e 94% meninas. A atividade física diária atual entre crianças e adolescentes é um dos fatores associados à prevalência de sobrepeso e obesidade.

Guedes e Guedes (1995) levantam a hipótese de que uma possível mudança nos programas de educação física escolar poderia ajudar a prevenir o comportamento sedentário na próxima geração de adultos. Portanto, sabe-se que na maioria das escolas os jovens não recebem informações suficientes sobre a correlação entre aptidão física e saúde.

Lobstein *et al.* (2006) argumentam que o aumento da ingestão energética e a redução do gasto calórico por meio da atividade física reduz efetivamente o peso corporal e, assim, reduz fatores de risco associados à obesidade.

A obesidade tem um impacto significativo não só na saúde, mas também no bem-estar psicológico e principalmente na qualidade de vida, pois a obesidade possui muitos fatores decorrentes de relações genéticas, metabólicas, sociais, comportamentais e culturais (TAVARES *et al.*, 2010).

Dessa forma, a obesidade foi associada ao estilo de vida de adultos e crianças, que na correria do dia a dia trouxe conforto, mas também com as novas tecnologias que afetaram o sedentarismo, deixando crianças menos ativas (FREITAS, 2007).

Estudos mostraram que quanto maior o nível de atividade física em crianças e adolescentes, maior a melhora nos perfis lipídico e metabólico, o que reduz a prevalência de obesidade. Além disso, uma criança ou jovem ativo também pode se tornar um adulto ativo.

Para Silva e De Marchi (2007), o exercício físico é necessário para reduzir o tecido adiposo, além disso, pode melhorar a qualidade de vida de uma pessoa obesa. Para tanto, os autores afirmam que é necessário adotar hábitos saudáveis que utilizem exercícios e alimentação saudável, nos quais melhora a motivação, eficiência no trabalho, autoimagem, relacionamento interpessoal, aumento da resistência, estresse e melhor estabilidade emocional.

Kolotkin *et al.* (2001) argumentam que inserir a atividade física durante a infância e adolescência pode ser transferido para a idade adulta. Segundo Mello e Tufik (2004), o exercício ajuda a combater a ansiedade e a depressão. Pode também aumentar a autoestima, ter um efeito benéfico na melhoria da funcionalidade de jovens, na redução da obesidade e na melhoria da qualidade de vida. Mudanças benéficas na imagem corporal ajudam a prevenir depressão e aceitação, característica de jovens com baixa autoimagem. Sendo assim, acaba evitando preconceitos na escola e na vida.

Em geral, as crianças veem as aulas de educação física na escola como o único local para a prática de atividade física, que, embora geralmente realizada uma ou duas vezes por semana, é muito valiosa, pois serve não apenas como fonte de

informação sobre a obesidade, mas também como guia à obesidade prevenção incluída no Currículo Nacional Secundário (BRASIL, 2000).

A escola é valiosa, pois nas aulas de educação física, crianças e jovens podem criar um importante elo com o exercício e estilos de vida saudáveis, pois é o local onde ocorre o diagnóstico precoce do sobrepeso e da obesidade por meio de atividades do professor de Educação Física. O professor deve trazer informações sobre sobrepeso e obesidade, seus efeitos na saúde e orientações preventivas, enfatizando os riscos à saúde dos maus hábitos alimentares e sempre mostrando o valor do movimento

Em 1996, a Lei Nacional de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) estabeleceu a obrigatoriedade da educação física na educação básica (infantil, ensino fundamental e médio). Vago (1999), discutiu o ensino de Educação Física nas escolas. Citou que a LDB de 1996, estabeleceu a obrigatoriedade dessa disciplina no currículo escolar, porém, não definiu os critérios para o seu ensino.

2.3 Relação professor-aluno

Ao nos comunicarmos tentamos transmitir uma mensagem que pode ser recebida pela pessoa pretendida, pela pessoa não intencional ou por ambas. As mensagens podem chegar limpas, distorcidas ou não enviar a resposta pretendida pelo remetente. A comunicação interpessoal também inclui a comunicação não verbal, essencial para compartilhar e receber informações. (WEINBERG; GOULD, 2001).

A falta de motivação do aluno pode ser decorrente de uma série de fatores, como falta de infraestrutura na escola, aulas repetidas do professor para a turma, desinteresse pelo trauma que vivenciou, ou até mesmo desinteresse por não gostar de esportes e/ou praticar exercícios físicos.

Segundo Silva (2014), os professores precisam ser dinâmicos, ativos e focados no mundo do aluno durante a aula para compreender e prender a atenção do aluno. Em tudo isso, o aprendizado pode ser facilitado. Este é um fator chave para ajudar os alunos a resolver seus principais problemas na escola e sociedade. O mesmo estabelece que a atividade propriamente dita deve conter fatos relacionados à vida cotidiana. Isso realmente torna a relação professor-aluno mais compreensível.

Porque ambos compartilham a mesma realidade e estão expostos aos mesmos problemas, porém com funções diferentes.

Freire (1997) estimula os professores a conhecerem a realidade de seus alunos. Essa ação ajuda o docente a entender o que aprendem e como se desenvolvem em sala de aula.

Martin *et al.* (2005) ensinam que as experiências de professor e aluno levam ao respeito mútuo, que é um passo muito importante no desenvolvimento do aluno em sala de aula.

Diante desses conceitos, podemos interpretar que que as emoções estarem presentes na relação professor-aluno pode ser um dos fatores que potencializa o aprendizado, que por sua vez motiva os alunos a se interessarem pelas aulas.

A relação professor-aluno envolve interesses e intenções, e essa interação é uma das mais importantes fontes de desenvolvimento comportamental e agregação de valores nas pessoas. Professores que se preocupam com os valores de seus alunos sempre querem bons relacionamentos. Dessa forma, quando os alunos se sentem competentes por meio de suas atitudes em sala de aula e métodos motivacionais, o aprendizado se torna mais interessante e contribui para o desenvolvimento do aluno.

Solidariedade, superação de conflitos psicológicos e sociais, capacidade de fazer perguntas e estabelecer metas. Os professores estabelecem sua competência e responsabilidade na busca de revolucionar a educação e mudar os destinos das pessoas (SILVA, 2007), a partir desse pressuposto podemos atribuir uma importância do professor com o papel de transformar o meio de seus alunos sem perder a lógica pedagógica de suas aulas.

Segundo Cabral (2004), ao considerar a relação professor-aluno, existem três condições que facilitam a aprendizagem. Eles são unidade, preocupação positiva ou aceitação e empatia. Essa relação torna-se direta e pessoal, pois todas as emoções do aluno estão ao alcance do professor e totalmente perceptíveis. Aceitação é a crença de que uma pessoa é confiável, a crença de que ela tem caráter, e espera-se que o professor não seja tão imparcial quanto um terapeuta e não tão afetivo quanto um parente próximo como um pai. O professor pode transmitir segurança e

confiança aos seus alunos. A empatia é muito importante, pois você precisa ouvir e entender seus alunos. Para entendê-los, precisamos aplicar a escuta ativa.

2.4 Atitudes do professor em situações de preconceito e conflito

Segundo Cézar e Neto (2008) a violência escolar é um assunto que exige um olhar cuidadoso dos profissionais da educação, mas quando lidamos com isso, só imaginamos uma série de situações em que os alunos trocam chutes, se machucam, batem uns nos outros, quebram seus bens. Na realidade, a violência é muito mais extensa e se manifesta nas relações educativas, no processo de ensino-aprendizagem ou mesmo no currículo escolar.

Nesse contexto, existem tipos de violência que são igualmente cruéis e igualmente comuns no ambiente escolar. É bullying humilhar, discriminar, ridicularizar, constranger com apelidos, intimidar, perseguir ou praticar qualquer ato que desmoralize de alguma forma o destinatário, independentemente de ser emocional ou físico, como resultado dessas ações desde o momento em que começa a sofrer violência, tornam-se vítimas.

Para Almeida (2006), o Bullying pode ser entendido como sinónimo de perseguição que tem como o objetivo a humilhação prolongada por parte de uma ou mais pessoas para firmar relações de poder e opressão, intimidando outro que está em algum estado de vulnerabilidade. Segundo Colovini e Costa (2006), a ocorrência desse fenômeno é um problema crescente nas escolas públicas e privadas e pode ter um impacto negativo nos alunos, assim prejudicando a frequência e aprendizagem dos alunos.

Chaves (2006) argumenta que a educação física é um currículo de enriquecimento cultural essencial à formação da cidadania estudantil, baseado em um processo de socialização de valores morais, éticos e estéticos que incorporam princípios humanitários e democráticos. Para isso, deve contribuir, por meio de seus profissionais, para a superação da violência, seja física, moral ou emocional, que pode deixar marcas irreparáveis nos alunos.

Ataques físicos (socos, socos, chutes), ataques verbais (apelidos, insultos) e ataques psicológicos (brincadeiras, ameaças) por parte dos alunos são comuns. Os ataques se repetem muitas vezes sem motivo aparente e sempre visavam os mais tímidos.

Segundo Fante (2005, p. 22), o bullying “[...] inclui todas as formas de agressão repetida contra as pessoas mais vulneráveis em todos os momentos sem qualquer motivo aparente”.

Para Abramovay e Rua (2002), a violência que existe entre os alunos da escola provavelmente será alimentada por conflitos esportivos, e, portanto, há a necessidade de abordar o esporte com novas propostas educativas que privilegiem a solidariedade, cooperação, respeito, amizade e a tolerância. Valores construídos por meio de esportes e jogos éticos.

Neto e Saavedra (2003) constituem dois tipos de comportamento de bullying. As ações diretas incluem ações físicas, como bater, chutar e roubar objetos de posse do aluno agredido; ações verbais, como apelidos, insultos e preconceitos. É dividido em comportamentos emocionais indiretos, de modo que a pessoa é discriminada e excluída do grupo social.

Camacho (2007) cita que muitos professores estão mais preocupados em cumprir suas tarefas didáticas, seguindo o tema e o plano de tarefas, ao invés de chamar a atenção do agressor. Assim como, muitas vezes, é por falta de interesse do professor ou falta de preparo.

O professor de Educação Física tem a oportunidade de observar essa realidade e trabalhar com ela. Ele deve buscar estratégias que permitam que os alunos se desenvolvam como cidadãos críticos, pensantes e independentes, responsáveis por suas ações. No entanto, é necessário que se promova um ambiente pedagógico que busque desenvolver uma perspectiva crítica, moral, ética, humanista e democrática, inclusiva e não simplesmente seletiva.

As aulas de Educação Física promovem a integração e a solidariedade entre os alunos por meio de atividades lúdicas, solidárias e inclusivas, além de proporcionar aos alunos tempo e espaço para se tornarem mais íntimos, a fim de combater e prevenir efetivamente o bullying. E o professor deve estar preparado para esse combate.

Um dos preconceitos mais citados nas aulas de Educação Física foi o étnico-racial. Oliveira (2008) observa que o racismo é o tipo de preconceito mais prevalente na sociedade e, por isso, mais percebido no cotidiano, “[...] uma mazela histórica, cuja raiz de amargura se encontra na própria natureza humana” (p. 3049)

As diferenças no tipo de corpo são mais perceptíveis, e os alunos que são altos ou obesos ou muito magros geralmente são rotulados por se destacarem. A forma de preconceito mais relatada foi o fato de outros não poderem realizar tais atividades ou movimentos por motivos naturais. Uso de apelidos pejorativos como: rolha de poço, magricela, anão de jardim, poste, botijão de gás, esqueleto, entre outros são muito frequentes.

Segundo Carrara (2009), a maioria dessas manifestações está relacionada ao estabelecimento social de padrões de beleza, pelo qual aqueles que não se enquadram nesse contexto são considerados inferiores aos demais. Tendo em vista que as aulas de Educação Física enfatizam o corpo, esse espaço se configura como um ambiente que promove a expressão do preconceito, estereotipando e rotulando as diferenças.

Um terceiro exemplo de preconceito é referente a classe social. Sobre como esse preconceito é evidenciado: vestuário do aluno, falta de um celular moderno, falta de higiene caracterizam e/ou desprezam o aluno mais modesto.

Para Saes (2008), a escola é uma das maiores reprodutoras das diferenças sociais, uma desigualdade que é representada pelas posições sociais dos alunos, seja no vestuário ou na posse de bens materiais ou na disponibilidade/aceso ao espaço. Os resultados confirmam o exposto, indicando a manifestação desse tipo de preconceito nas aulas da Educação Física.

Deficiência física e questões de gênero também são tipos de preconceitos que encontramos nas escolas.

A compreensão de que gênero se refere à estrutura social do sexo anatômico segundo as ciências sociais e humanas (CARRARA, 2009).

Hoje em dia é possível ainda vera diferença na participação nas aulas entre meninos e meninas. O futebol por exemplo é visto como “jogo para meninos” e as meninas são julgadas como aquelas que “não sabem jogar”, “não têm força” ou “não conseguem correr rápido”, levando muitas vezes à exclusão.

Cruz e Palmeira (2009) sugerem que diante das questões de gênero, é importante que as aulas de Educação Física se desenvolvam em turmas mistas, o que promove o respeito e a tolerância para meninos e meninas, evitando a formação de estereótipos.

E em relação à homossexualidade, esse tipo de preconceito também é observado nas aulas de Educação Física. Os fenômenos que ocorrem ao usar palavras pejorativas como "bichinha", "veado", "gay" usadas pelo aluno agressivo, que desvalorizam e/ou degradam a imagem do colega diante da turma durante a aula e excluem o aluno homossexual, portanto ele não quer participar das aulas.

Saber sobre o preconceito, como ele se manifesta em diferentes contextos e com o que está relacionado é, como comentado anteriormente, extremamente importante, mas inútil se esse pensamento não levar a um entendimento de que pode ter consequências (MARQUES et al., 2014). O professor deve promover a atitude ética do aluno e destacar os valores de inclusão, cooperação e solidariedade. Eles também não podem permitir o bullying nas escolas. Devem buscar estratégias que garantam uma vida segura para todos, ou seja, um ambiente escolar saudável e seguro.

A ação conjunta de todos os professores e departamentos da escola é necessária para alcançar resultados mais efetivos no combate ao bullying.

O esporte pode dar essa contribuição por meio de um trabalho proativo com jogos conjuntos onde a competição é deixada de lado e os alunos jogam juntos e desenvolvem a socialização e a igualdade. Durante esses jogos, a possibilidade de bullying é mínima porque alunos estão jogando uns com os outros, não uns contra os outros.

Segundo Vieira (2013), os jogos cooperativos visam a participação dos alunos, onde o objetivo não é a vitória ou a derrota, mas a união e alegria de todos em um ambiente agradável.

Por meio de jogos cooperativos, as aulas de educação física podem promover integração e solidariedade entre alunos e criar espaços de reflexão e participação para que eles se aproximem de reflexões que se afastam de preconceitos e formas de bullying, mesmo que sem a garantia de mudança integral dos pensamentos dos alunos.

Os jogos cooperativos combinam extremos, ou seja: os alunos mais habilidosos com os menos habilidosos. Ambos são bem-sucedidos porque ambos se juntam para realizar as ações propostas.

Nesse sentido, acreditamos que as aulas de Educação Física são o momento certo para trabalhar esses jogos e criar um modelo mais justo incluindo todos os alunos.

Através dos jogos cooperativos é mais fácil criar um ambiente grupal onde haja solidariedade, amizade e respeito, o que cria um ambiente mais familiar, pois na verdade todos formam uma grande família (SOLER 2006).

CAPÍTULO 3

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Neste capítulo abordaremos como foi realizada a coleta de dados tal como a análise dos mesmos e seu agrupamento em categorias de análise.

3.1 Abordagem investigativa

Este trabalho usou como base a pesquisa qualitativa, que visa investigar os fenômenos aqui expostos, preocupa-se com os significados, motivações e experiências no geral de seus entrevistados, encontrando dados que análises estatísticas dos dados não conseguem compreender tais casos como um todo, como traz Minayo (2002).

O presente Trabalho se baseou na pesquisa descritiva, que foi assim definida:

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial à descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. [...] Entre as pesquisas descritivas, salientam-se aquelas que tem por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental etc. (GIL, 2010, p.40).

A coleta ocorreu em dois momentos, primeiro foi enviado um questionário via Google Forms para identificação dos participantes do estudo e, após isso, foi realizado uma entrevista semiestruturada com os graduandos que estivessem cursando Licenciatura em Educação Física e que tivessem influência de seus antigos professores de Educação Física da educação básica para ingressar na universidade.

3.2 Participantes do estudo

Na primeira parte da coleta foi realizado um questionário com o objetivo de encontrar alunos do curso de licenciatura em Educação Física que tivessem influência professores de Educação Física, para tal, foi enviado um formulário via Google Forms em grupos de WhatsApp e conversas privadas do aplicativo. 24 pessoas responderam de modo que 7 se encaixavam nos critérios acima.

Na segunda parte da coleta foi realizado uma entrevista semiestruturada com os 4 alunos que aceitaram participar através do TCLE (Anexo 1).

NOME FICTÍCIO	IDADE	ANO DE INGRESSO	CURSO
Natália	19	2022	Licenciatura
Laura	22	2019	Licenciatura
Vivian	22	2019	Licenciatura
Angêla	21	2020	Licenciatura

3.3 Técnica de coleta

O estudo usou como técnica de coleta a entrevista semiestruturada, assim possibilitando que nos baseássemos em um roteiro de perguntas que permitia a intervenção do entrevistador ao longo das questões quando julgasse necessário, para que assim estreitasse maior aproximação com o entrevistado e conseguisse dialogar, de forma mais ampla, sobre o que for pertinente sobre o estudo em questão (MOLINA NETO; TRIVIÑOS, 2010).

A entrevista contou com as seguintes questões:

1. Como você está participando desta pesquisa por ter apontado que o/a seu/sua professor/a de Educação Física da educação básica o/a motivou a escolher o curso de licenciatura em Educação Física, conte-nos em detalhes sua história e a origem desta inspiração (em qual ano escolar aconteceu, a situação específica, se ele/a ficou sabendo desse seu interesse por esta graduação ou não, o máximo de detalhes que puder apresentar).
2. Como eram as aulas de Educação Física desse/dessa seu/sua professor/a de EF (detalhe a estrutura e a dinâmica das aulas, bem como, os conteúdos que eram desenvolvidos, formas de organizar as equipes, metodologias que eram utilizadas, interação entre os/as alunos/as, relação com os outros professores da escola, realização de eventos, jogos escolares ou campeonatos esportivos...)? Você gostava? Por que?
3. Em sua opinião, as características do/a seu/sua professor/a de Educação Física da escola poderiam atribuir a ele/ela o reconhecimento de um/a bom/boa professor/a? Quais características eram estas? Por que?
4. Você se lembra de alguma situação, associada ao/ a seu/sua professor/a de Educação Física, que tenha marcado sua vida? Conte-nos

5. Agora, cursando a licenciatura em Educação Física, sua avaliação do/a seu/sua professor/a de Educação Física da educação básica continua sendo positiva? Por que?
6. Há algo que seu/sua professor/a de EF fazia e que você gostaria de continuar fazendo quando for atuar como professor/a? Por que?
7. Há algo que seu/sua professor/a de EF fazia e que você não gostaria mais de fazer quando for atuar como professor/a? Por que?
8. Você ainda tem contato com esse/essa professor/a, conversa sobre sua graduação, os desafios da formação, ou não? Por que? Escreva aqui uma frase que gostaria de dizer a este/a seu/sua professor/a de Educação Física sobre a inspiração que ele/ela foi para você ingressar na licenciatura.
9. Gostaria de falar mais alguma coisa sobre o assunto e que eu não lhe perguntei? Fique à vontade

Todas as entrevistas foram realizadas via Google Meet em dias agendados com as entrevistadas, levando em média de 15 a 22 minutos.

3.4 Análise dos dados

Após a realização das entrevistas, as mesmas foram transcritas e lidas, com o objetivo de serem encontradas categorias de análises. Categorias essas que se formam através de uma reincidência nas respostas das participantes. O presente estudo teve como referencial analítico Gomes (2002, p. 78-79):

a) Ordenação dos dados: realização do mapeamento de todos os dados obtidos no trabalho de campo (transcrição das gravações, releitura do material, organização dos relatos e dos dados da entrevista); b) Classificação dos dados: seleção e articulação, com base no que é relevante nos textos, dos elementos indicadores de categorias específicas; c) Análise final: estabelecimento de articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões da pesquisa com base nos objetivos.

As categorias de análise identificadas foram:

- 1- Um “bom professor” de Educação Física;
- 2- Boa relação professor-aluno;
- 3- Ensinar conteúdos/conhecimentos que dialogue com as características e gostos dos alunos os motivam a gostar de Educação Física

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo apresentaremos as discussões referentes as categorias de análise deste estudo, que foram escolhidos quando uma mesma motivação ou fator apareceu em mais de uma fala das entrevistadas, e que dialogassem com a revisão de literatura feita para esse trabalho, as categorias de análise foram, 1. Um “bom professor” de Educação Física; 2. Boa relação professor-aluno 3. Ensinar conteúdos/conhecimentos que dialoguem com as características e gostos dos alunos.

4.1 Um “bom professor” de Educação Física

Todas as entrevistadas quando perguntadas se julgavam seus professores “bons” responderam que sim, desse modo, entendemos a necessidade de analisarmos essa perspectiva enquanto uma categoria na relação com a escolha do curso de licenciatura.

Para Krug e Krug (2008), um professor de Educação Física influencia as pessoas por meio de seu bom exemplo, que demonstra tanto no ensino quanto na ação. No entanto, essa influência é principalmente de uma pessoa para outra, em um relacionamento mútuo.

Para uma das entrevistadas,

Eu achava que ele era um bom professor sim, porque ele dava aos alunos o que os alunos queriam fazer e era um momento de onde a gente podia correr, jogar bola, meu..., distrair a cabeça das outras aulas, então era bem divertido.
(VIVIAN)

A admiração pelo professor, no que foi entendido pelas entrevistadas como o “bom professor” ocupa um lugar importante e pode ser entendido como um dos motivos para a aproximação dos discentes com o magistério, uma vez que entendemos que influenciarmos enquanto professores diversas concepções dos alunos sobre a nossa própria postura enquanto educadores, tais atitudes transformam realidades e exercem um papel para o que os alunos enquadrem seus professores como “bons”, assim resultando em uma admiração e valorização da profissão.

Quando perguntada acerca de como via seu professor na educação básica, se em sua concepção era um bom professor, Natália exemplifica algumas características que para ela eram as que o diferenciavam enquanto profissional:

Ele não é apenas um bom professor, um bom profissional, mas uma boa pessoa, um bom homem e tal, que ele sabe escutar e ele sabe falar. E isso eu acho que isso é primordial, não apenas para ser um professor, mas para ser qualquer profissional.

Figueiredo (2004) aborda que ingressantes no curso de licenciatura tem seus antigos professores como modelos e inspirações para seguir a carreira docente. Assim podemos entender que boas experiências com “bons” professores tiveram uma importância significativa na manutenção da prática corporal e interesse pela Educação Física.

Tem as características boas sim é que são essa parte da avaliação diagnóstica que a gente defende bastante, eu posso falar empatia de entender que os alunos gostam de tais coisas e adaptar. (ANGÉLA)

O professor atuar em defesa de seu espaço de aprendizado também foi mencionado como importante para que Laura julgasse o professor como bom a época, nesse aspecto conseguimos relacionar que ir contra algumas tradições da escola, como por exemplo, usar as Aulas de Educação Física para punir os alunos que não “se comportam” em outras disciplinas, assim também o docente reafirma para seus alunos mesmo que de forma indireta a importância das aulas de Educação Física e seus conhecimentos práticos e teóricos:

A educação física é sempre colocada como uma recreação, então assim, ah, vamos fazer tal coisa, vamos fazer aula de educação física e tal, e ele não deixava, ele tinha a aula dele, ele tinha a grade dele e ele fazia as coisas que ele programou, então foi uma das únicas vezes que, aquela vez e agora que eu estou vendo no estágio que eu estou fazendo, que o professor de educação física conseguia impor o que ele queria fazer para as outras professoras e ninguém passava por cima do que ele tinha para falar e agora no estágio eu estou vendo a mesma coisa, porque sempre foi assim na educação física, sempre vi isso acontecer, vai fazer qualquer coisa que seja, que não seja entre aspas intelectual, volta na aula de educação física, então essas são características que eu acho que, bom, observando agora eu acho que ele era um ótimo professor nesse caso. (LAURA)

4.2 Boa relação professor-aluno

Se sentir respeitado e entendido pelo professor é fundamental para que os alunos participem da aula e assim construam boas experiências nas aulas de Educação Física, nesse aspecto a conduta do professor é tão importante quanto sua didática ou conteúdos trabalhados, segundo (VALLE, 2006) a escolha do magistério implica, inevitavelmente, no estabelecimento de ligações afetivas nas relações pedagógicas (professor/aluno).

Ao ser perguntada se teria algo que o seu professor fazia e que ela tem intenção de levar pra sua prática como docente Vivian respondeu:

Bom, eu acho que o jeito que ele tratava os alunos mais próximos dele e ele me incentivava assim a participar das aulas, mas é porque eu já participava antes, então quando eu não participava ele se preocupava porque eu era ativa, então acho que ter essa proximidade, essa intimidade de poder chamar os alunos pra participar da aula é algo que eu teria, desenvolver uma amizade com os alunos.

Ao relatar sua relação com seu professor, Natália destaca, mais uma vez, como a proximidade com o docente pode ser significativa na vida dos alunos. Machado (1995) aponta que o professor ao exercer a profissão tem a capacidade de moldar o caráter de seus alunos, portanto ao demonstrar interesse e respeito soma como um dos fatores que influenciam para que os alunos valorizem a profissão de professor. Goodson (2000) traça um paralelo acerca deste assunto usando o termo “professor favorito” que vem a influenciar novos professores de Educação Física.

Ah cara, em específico não, eu acho que foi meio que gradual, sabe, a convivência com ele, a forma em que eu me identifico muito com ele, e isso foi levando, acho que o fato de eu ver ele como um espelho pra mim, o cara é incrível como pai, ser humano, profissional, pra ele ter um décimo da ética profissional que ele tem, se eu tiver isso eu vou estar muito feliz, muito feliz. E foi mais da convivência com ele, ele me apresentando a profissão que me fez ter a vontade de vir conhecer esse mundo maluco. (NATALIA)

Sanchotene e Neto (2006) abordam o conceito de currículo oculto, que é o desenvolvimento de saberes por parte dos alunos que não constam nos planejamentos, esses saberes podem ser positivos ou negativos e muitas vezes são passados aos alunos através das relações interpessoais que ocorrem entre o professor e o aluno, assim podemos entender que as consequências das nossas escolhas profissionais sobre o currículo oculto e como isso reverbera nos alunos. Ao escolher a estrutura das aulas, a forma que conversa e ouve seus alunos o docente

também determina qual ideologia colocará em prática durante sua carreira, sendo inevitavelmente um espelho para seus discentes. Isso pode ser observado pela Laura quando falava sobre seu professor na educação básica.

[...] É que eu gosto muito de quando o professor, tanto falando dele agora quanto a professora que eu estou acompanhando agora no estágio, eles são professores que eles não precisam usar o autoritarismo para conseguir conversar com a sala. Eles conseguem ter uma troca muito legal e acaba que as crianças elas conseguem ter um respeito não por medo, que nem vários professores fazem. Então assim, sempre tem alguma coisinha que ele fazia ou que essa professora faz para chamar atenção nos alunos. Ele não, assim, chamava atenção no meio de todo mundo para deixar o aluno com vergonha que nem muitos professores fazem, de falar o nome do aluno no meio de todo mundo e falar o que o aluno está fazendo.

Ângela usa a sua trajetória na Educação Física como exemplo para a escolha do curso e para sua própria intervenção pedagógica uma vez exercendo a profissão, muito se dá devido suas professoras e a forma que á tocaram e significaram a prática do docente. O motivo dessa influência apresenta dois fatores, a inclusão da Ângela mesmo em um período em que não podia fazer atividades extenuantes e a professora ouvir sugestões e estar aberta às intervenções que sua aluna sugeria.

Teve uma época que eu descobri um problema de saúde não e podia praticar atividade física né, eu entrei numa bad profunda porque criança hiperativa né, e do nada não pode correr mais, aí essa professora dxxxx chegou tipo, recebeu atestado, veio conversar e ela falou que eu podia participar das aulas ainda... eu podia comentar com ela, nossa que se fizesse isso ficaria mais legal, então é em muitos momentos ela até me ouvia, e inseria algumas coisas nas (Inteligível) porque você não bota essa regra e ela botava e dava super certo e foi por um ano assim, então eu aprendi a jogar xadrez, então eu participei nas olimpíadas jogando xadrez, jogando dama e então assim ela não me excluiu, ela me integrou de alguma forma e eu observei todos os conteúdos. (ÂNGELA)

Esses fatores são reforçados quando Ângela escreve uma frase para suas antigas professoras a respeito do papel que elas tiveram para a escolha de curso dela, retomando a importância da conduta do professor e como suas ações podem refletir positivamente na vida de seus alunos.

Professoras Dxxx e Fxxxx, vocês foram as pessoas que mais me incluíram no processo escolar e isso me fizeram querer reproduzir pois, provavelmente, existiram ou existem estudantes como eu que tiveram ou esperam pessoas como vocês na vida. Eu sou bastante grata e aqui estamos nós reproduzindo seus passos. (ÂNGELA)

4.3 Conteúdos que dialoguem com as características dos alunos

O gostar das aulas independente do modelo escolhido, também teve o seu papel na motivação para a escolha do curso, uma vez que em várias possibilidades de aula, sejam elas de transformação da realidade dos alunos, ou de reprodução dos estigmas da Educação Física escolar (aulas livres e atividades de estafetas) identificamos que despertar de alguma forma vivências prazerosas aos alunos e fornecer a eles conhecimentos práticos da disciplina cumpre uma função importante quando buscamos entender os motivos que levam a identificação com a Licenciatura especificamente em Educação Física.

Ao ser perguntada sobre uma das origens de sua inspiração para a escolha do curso Vivian diz:

Então, meu interesse foi basicamente porque teve um ano, eu era no ensino infantil ainda, acho que foi no sexto ano, eu machuquei a minha coxa e eu não sabia o que fazer, nem sabia o que era, só sei que eu tinha distendido a coxa. E o professor, ele falou exatamente o que era e o que eu iria fazer, tipo, por gelo para melhorar. E aí eu percebi, uau, que da hora esse conhecimento, eu quero isso, isso me incentivou a procurar o que era educação física. É meio besta, é, mas isso me incentivou a procurar o que era educação física.

Adiante, quando menciona um episódio que marcou sua vida na educação física ela retoma esse assunto:

Bom, acho que realmente foi a questão dele me ajudar com a lesão na coxa, sabe, porque eu nunca tinha me lesionado antes, eu sempre joguei futebol, sempre participei e tudo mais das atividades físicas, tanto dentro da escola quanto fora, mas eu nunca tinha me lesionado daquele jeito, a ponto de erguer a perna e doer pra caramba, então eu fiquei preocupada, não sabia que médico procurar, porque eu não tinha contado pros meus pais ainda, porque eu me lesionei na escola, então ele me falou, ó, põe gelo, faz isso, isso, isso, e isso melhorou, melhorou, eu segui o que ele fez e melhorou, isso me marcou bastante.

Uma das hipóteses deste estudo, foi que mesmo com aulas monótonas de atividades estafetas ou “aulas livres”, haveria entrevistados que tivessem gostado de suas aulas devido o apreço pelos esportes, sobretudo o futsal, algo que não pode ser deixado de lado. Ao fazermos as análises do estudo de Becker; Ferreira; Krug (1999), eles reforçam que o gostar dos esportes é um dos principais motivos para o ingresso no curso de Educação Física e ter esse momento, mesmo que anárquico de praticar

algo similar ao que os alunos entendem como os esportes futsal, vôlei e etc. aparenta ser significativo e fomentar o gosto pelas aulas.

[...] às vezes ele passava alguma coisa na lousa, mas o foco dele era a quadra, então ele já levava para a quadra e basicamente ele dava futebol, vôlei e queimada. Então é o rola bola padrão que todo mundo conhece, mas eu gostava sim, não nego, eu gostava.” (VIVIAN)

Uma das formas que os professores mencionados neste estudo encontraram de aproximar os alunos da Educação Física e que participassem das aulas foi a de deixá-los livres para que os mesmos escolhessem o que gostariam de fazer. É sabido que esse tipo de aula exclui alunos e acaba perdendo conteúdos e falta com o objetivo específico em seu planejamento, porém quando olhamos como uma estratégia para participação e aproximação dos alunos com o que eles gostam de fazer, essa opção de aula se faz justificável se observarmos algumas falas, como a anterior (Vivian) e a próxima da Natália.

O fogo (Professor) ele nunca foi de chegar na sala de aula, mandar todo mundo subir pra quadra, lá na quadra ele vai, ele manda todo mundo se separar em equipe pra fazer tal jogo, não, ele sempre deixou muito livre, ele liberava a sala de bolas pra gente e a quadra ele fazia o que tu queria lá. Quando tinha o trabalho dele, aí o único momento em que ele não deixava tu fazer o que tu queria dentro da quadra, jogar o que tu queria, era quando ele tinha que dar algum trabalho, alguma coisa. De resto, tu era completamente livre, fazia o que tu quisesse, ele só queria que estivesse lá.

Cunha (1996) afirma que a carreira docente é desvalorizada e a população como geral não enxerga sua função, o que inevitavelmente reflete em pensamentos e ações dos estudantes nas aulas, para transformarmos esse fenômeno, é importante que os alunos entendam as aulas e tenha prazer em participar, para que assim o professor seja capaz de significar a prática e elucidá-los dos conteúdos acerca da Educação Física, algo que pode ser encontrada na fala da Laura ao ser perguntada como era a estrutura das aulas na educação básica.

No meu oitavo, no meu nono ano, eu tinha um professor que era muito bom. Ele que me iniciou no handebol e ele tinha um projeto aqui em Bauru que a gente fazia. E para você ter uma ideia, ele levou artes circenses para a gente fazer, ele levou tatame para a gente fazer judô, ele até levou um slackline uma vez para a gente fazer. Foi um dos únicos professores que eu lembro que realmente passava alguma coisa para a gente fazer em educação física. Mas só não largava a gente na quadra que nem o resto do meu fundamental, antes né e todo meu ensino médio... Era uma aula muito bem estruturada. (LAURA)

Também perguntada sobre um fato que a marcou, respondeu sobre sua iniciação esportiva, que dialoga com dois aspectos investigados anteriormente, iniciar esportivamente e o gostar do que está praticando retratados por Becker; Ferreira; Krug (1999) e Feil (1995), respectivamente.

Eu acho que de novo foi o professor foi a minha iniciação no Handebol. Foi uma das melhores coisas assim que eu fazia no meu ensino fundamental, no meu treinamento no ano, porque eu participei acho que um ano dessa iniciaçãozinha. (LAURA)

Ao relacionarmos os resultados apresentados com o objetivo do estudo chegamos às seguintes respostas, o professor consegue sim, sobretudo através do respeito e um bom relacionamento com seus alunos ser um dos motivos para que os mesmos ingressem no curso de licenciatura em Educação Física, havendo fatores auxiliares para que isso aconteça, como os alunos gostarem das aulas/conteúdos e entenderem que tem um “bom professor”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ponderamos com este trabalho após as análises realizadas que, as motivações que de alguma forma os professores de Educação Física na educação básica tencionam sobre os alunos podem variar dos gostos e experiências individuais dos alunos, por meio das aulas e professores que tiveram, observando que de fato alguns fatores se mostram significantes na vida dos alunos, entre eles a forma que se desenvolve a relação do professor com seus alunos, sendo fundamental que seja respeitosa e de proximidade para que os discentes valorizem o docente, como o professor é avaliado por sua classe independente de qual seja seu modelo de aula e propiciar momentos em que os alunos pratiquem e estudem seus conteúdos e modalidades favoritas.

O relacionamento próximo entre alunos e professores durante todo esse estudo mostrou-se um fator de forte influência para fenômenos que contribuem para a escolha da carreira docente, como a valorização da profissão e funcionar como um “efeito espelho”, uma vez que quando os alunos são comovidos por essa relação tendem a querer reproduzi-la no futuro, porém exercendo a função de docente.

Algo relevante de salientarmos também, é que independente do que entendemos por uma boa aula ou por bom professor, ao longo desse estudo o que podemos observar foi que, de fato o que importou para as entrevistadas foi como no momento em que vivenciaram, o modo que enxergavam a prática, tendo exemplos de aulas mais elaborados com diversificação de conteúdos e outras livres e “rola bola” igualmente apreciadas pelas entrevistadas, que fomentaram de forma similar a aproximação e o gosto pelas aulas de Educação Física. Não sendo possível afirmar a partir das entrevistas desse estudo, que o tipo de aula não importa na motivação dos demais alunos que não praticam as aulas de educação física.

Entendemos que é perigo generalizarmos a forma como a aula livre é utilizada e seus hipotéticos benefícios para os alunos que participam desse modelo de aula, salientamos a forma como exclui os alunos e limita os variados temas da educação física não podem ser ofuscados por supostos qualidades que só servem para uma parcela já privilegiada nas aulas

Este trabalho não esgota as análises e problemáticas deste tema, portanto entende que estudos futuros podem contribuir para o entendimento desse fenômeno, abordando outras questões e uma diversidade maior de dados.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. da G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

Almeida, A. Para além das tendências normativas: O que aprendemos com o estudo dos maus tratos entre pares, **Psychologica**, 43, 79-104.

ALMEIDA, L. de; FENSTERSEIFER, P. E. Professores de Educação Física: duas histórias, um só destino. **Movimento**, Porto Alegre: ESEF/UFRGS, v.13, n.2, p.13-36, mai./ago., 2007.

BARDAGI, M. P.; LASSANCE, M. C. P.; PARADISO, A. C. Trajetória acadêmica e satisfação com a escolha profissional de universitários em meio do curso. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.4, n.1/2, p.153-166, 2003.

BARRETO, A.; ARAÚJO, L.; PEREIRA, M. E. (Org.). **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais - livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. Disponível em:

<http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf>. Acesso em: 9 out. 2022.

BASEI, A. P. Educação Física na Educação Infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança. **Revista Iberoamericana de Educación** n. 75, v. 3 p. 1681-5653 25 de outubro de 2008. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/2563Basei.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2022.

BECKER, A. L. K.; FERREIRA, L. M.; KRUG, H. N. O interesse ou desinteresse dos futuros professores pela atuação na Educação Física escolar. In: JORNADA ACADÊMICA INTEGRADA, XIV, 1999, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: CEFD/UFSM, 1999. p.1080.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**: a educação física na escola brasileira. 2. ed. Ampliada. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2009.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, 2009.

BETTI, Irene; MIZUKAMI, Maria. HISTÓRIA DE VIDA: TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Revista de Educação Física - UNESP - Rio Claro**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 108-115, dez. 1997.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional**: a estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: educação física. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CABRAL, F. M. S.; CARVALHO, M. A. V.; RAMOS, R. M. Dificuldade no relacionamento professor/aluno: um desafio a superar. **Paidéia**, v. 14, n. 29, p. 327-335. 2004

CAMACHO, L. M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e pesquisa**, v. 27, n 1, p. 123-140. 2001.

CARRARA, S. Educação, diferença, diversidade e desigualdade. In: BARRETO,

CASTAGNOLI, C. A. **Atividades esportivas, culturais e cooperativas como meio de superação no relacionamento interpessoal na escola**. Brasília, v. 14, n. 27, p. 165-76, 2008.

CÉZAR, N.; NETA, M. A. P. B. **O Impacto do fenômeno bullying na vida e na aprendizagem de crianças e Adolescentes**. Cuiabá: Fapemat, 2008.

CHAVES, W. M. Fenômeno bullying e a educação física escolar. In: 10º Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. **Anais...** Niterói: UFF. Departamento de Educação e Desportos, 2006: 149-54.

COLOVINI, C. E.; COSTA, M. R. N. da. **O fenômeno bullying na percepção dos professores**. Guaíba: Ulbra, 2006.

CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F. C. C. Construção de identidade de gênero na Educação física escolar. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 116-31, 2009

CUNHA, M. I. (2008) – **O bom professor e a sua prática**. 20ª ed. Campinas: Papirus Editora.

CUNHA. M. I. **O bom professor e sua prática**. 6. ed. Campinas: Papirus, 1996. nf

FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência e educar para a paz**. São Paulo: Verus, 2005.

FEIL, I. T. S. **A formação docente nas séries iniciais do primeiro grau: repensando a relação entre a construção do conhecimento por parte do professor e o modo como ensina**, 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1995.

FIGUEIREDO. Z. C. Experiências Sociocorporais e Formação Docente em Educação Física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 85-110, janeiro/abril, 2008.

FIGUEIREDO. Z. C. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 89-111, janeiro/abril, 2004.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V. Estudos sobre desenvolvimento profissional: da escolha à ruptura da carreira docente. **Revista da Educação Física** /UEM, v. 19, n.4, 605-618, 4. trim. 2008

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d' Água, 1997.

FREITAS JUNIOR, I. F. Sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes brasileiros. **Salusvita**, v.26, n.2, p. 125, 2007

GAIER, A. M. **Educação Física Escolar**: buscando alunos reflexivos. 2001. 62f. Monografia (Especialização em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.

GIL. Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOODSON, I. F. **Dar voz ao professor**: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (Org.). Vidas de professores. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 63-78

GUEDES, D. P. Educação para a saúde mediante programas de educação física escolar. **Revista Motriz**. V. 5, n. 1, p. 10-14, 1999.

GUEDES, D. P; GUEDES, J. E. R. P. Atividade física, aptidão física e saúde. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**. v. 1, n. 1, p. 18-35, 1995.

HURTADO, J. G. G. M. **O ensino da Educação Física**: uma abordagem didática. 2. ed. Curitiba: educa/Editor, 1983.

KOLOTKIN, R. et al. Development of a brief measure to assess quality of life in obesity. **Obesity Reviews**, v. 9, n. 2, p. 102–111, 2001.

KRUG, R. R.; IVO, A. A.; KRUG, H. N. As lembranças significativas do tempo da Educação Física escolar na educação básica pelos licenciandos do CEFD/UFSM: colaborando com o “aprender a ser professor”. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 27, 2008, Pelotas. Inclusão: os caminhos da Educação Física e do esporte na promoção de um estilo de vida ativo. **Anais...** Pelotas: ESEF/UFPEL, 2008. Disponível em: <http://boletimef.org/biblioteca/2174/As-lembrancassignificativas-do-tempo-da-Educacao-Fisica-escolar>. Acesso em: 10 out. 2022.

KRUG, R. R; KRUG, H. N. Os diferentes motivos da escolha da Licenciatura em Educação Física pelos acadêmicos do CEFD/UFSM. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, a.13, n.123, p.1-9, agosto, 2008a. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd123/os-diferentes-motivos-da-escolha-da-licenciatura-em-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 10 out. 2022.

LE MOS, C. **Escolher uma profissão é definir um estilo de vida**, 2018. Disponível em: <http://www.escolhaecaminhos.com.br>. Acesso em: 08 out. 2022.

LIMA, Cinthia; LEITE, Sérgio. A voz dos alunos: elementos para repensar a escola. **Cadernos da educação**, [s. l.], p. 212-230, dez. 2019.

LIMA, J. F. **Associação do nível de prática de atividade física com os indicadores de aptidão física relacionada à saúde na Educação Física Escolar**. [Monografia]. Ijuí/RS, 2012. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/811/TCC%20J%20ean.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 out. 2022.

LOBSTEIN, T.; BAUR, L.; UAUY, R. Obesity in children and young people: a crisis in public health. **Obesity Reviews**, v. 5, n. 1, p. 4-85, 2004.

LOPES NETO, A. ; SAAVEDRA, L. **Diga não para o bullying**: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

MACHADO, A. A. Interação: um problema educacional. In: DE LUCCA, E. Psicologia educacional na sala de aula. Jundiaí: Litearte, 1995.

MARQUES, E. P. S; ALMEIDA, F. A.; SILVA, W. S. A percepção do preconceito e da discriminação racial no ambiente escolar. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 5, n. 14, p. 47-67, 2014

MELLO, M. T.; TUFIK S. **Atividade física, exercício físico e aspectos psicobiológicos**. Editora Guanabarra. p. 51-57, 2004.

MINAYO, Maria C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

NEGRINE, A. S. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa Qualitativa na Educação Física**: alternativas metodológicas. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004.

NOVAES, J. S. **Ginástica em academia no Rio de Janeiro**: uma pesquisa histórico-descritiva. Rio de Janeiro: Sprint, 1999.

OLIVEIRA, Cynthia; ALVES, Paola. ENSINO FUNDAMENTAL: PAPEL DO PROFESSOR, MOTIVAÇÃO E ESTIMULAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, [s. l.], p. 227-238, 2005.

OLIVEIRA F.; M. *et al.* A Educação Física escolar na cidade de Pelotas, RS: contexto das aulas e conteúdo. **Journal of Physical Education**, v. 23, n. 1, p. 69-78, 2012.

OLIVEIRA, A. A. B. O analfabetismo motor ameaça nossas crianças! **Iniciação Científica**, v. 2 (1), p. 47-48, Cesumar, Maringá, 2000.

OLIVEIRA, J. R. **Educação e Racismo**: Conhecendo as contradições do passado para construir a escola do futuro. In: VIII Congresso Nacional de

raciais. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009. p. 13-5.

PARSONS, T. J. et al. **Childhood predictors of adult obesity: a systematic review.** International Journal of Obesity. v. 23, n. 8, p. 1-107, 1999.

RUOTSALAINEN, H. et al. Systematic review of physical activity and exercise interventions on body mass indices, subsequent physical activity and psychological symptoms in overweight and obese adolescents. **Journal of Advanced Nursing**, v. 71, n. 11, p. 2461-2477, 2015.

SANCHOTENE, MÔNICA; NETO, VICENTE. HABITUS PROFISSIONAL, CURRÍCULO OCULTO E CULTURA DOCENTE: PERSPECTIVAS PARA A ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Pensar a Prática**, dez. 2006.

SANTINI, J.; MOLINA NETO, V. A síndrome do esgotamento profissional em professores de Educação Física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.3, p.209-222, jul./set., 2005.

SANTOS, A. C.; FOINHA, G. M. **A psicomotricidade na educação infantil: um enfoque psicopedagógico**, v. 10, n. 22, p. 1 - 13, 2015.

SARAIVA, A. C. L. C.; FERENC, A. V. F. A escolha profissional do curso de Pedagogia: análise das representações sociais de discentes. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 33, 2010, Caxambu. **Anais...**, Caxambu: ANPEd, 2010. (Educação no Brasil: o balanço de uma década). Disponível em: <http://www.33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/.../GT08-6350-Int.pdf>. Acesso em: 09 out. 2022.

SILVA, G. B. **O papel da motivação para a aprendizagem escolar.** Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de ensino médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

SILVA, M. A. D.; DE MARCHI, Ricardo. **Saúde e qualidade de vida no trabalho.** São Paulo: Editora: Best Seller, 2007.

SILVA, M. J. P. **Comunicação tem remédio: a comunicação nas relações interpessoais em saúde.** 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007

SILVA, R. C. R; MALINA, R. M. Nível da atividade física em adolescentes do município de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**. v. 16, n. 4, p. 1091-1097, 2000.

STAMBERG, C. S. ; NEHRING, C. M. . As influências do professor formador e o saber específico na escolha pela docência em Matemática. **REVISTA ELETRÔNICA DE EDUCAÇÃO (SÃO CARLOS)**, v. 12, p. 345-360, 2018

TAVARES, T. et al. Obesidade e qualidade de vida: revisão da literatura. *Revista Médica*, Minas Gerais, v. 20, n. 3, p. 359-366, 2010.

VAGO, T. M. Início e fim do século XX: Maneiras de fazer educação física na escola. **Caderno Cedes**, v.19, n. 48, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a03.pdf> Acesso em: 14 out. 2022.

VALLE, I. R. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 87, n. 216, ago. 2006.

VERENGUER, R. C. G. Preparação profissional em Educação Física. In: SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA V, 1995, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: Universidade do Estado de São Paulo, 1995. p.74.

WEINBERG, R.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ZOBOLI, F.; SILVA, R. I.; CORREIA, E. S. O corpo enquanto objeto de estudo da Educação Física: Breves apontamentos. **Scientia Plena**, Sergipe, v. 9, n. 7, 2013. Disponível em: Acesso em: 09 out. 2022.

ANEXO 1

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU Faculdade de Ciências

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Bauru, _____ de _____ de 2022.

Olá, estamos convidando você para participar da pesquisa intitulada **A ESCOLHA PELA CARREIRA DOCENTE: A INFLUÊNCIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**. Os objetivos deste estudo identificar a influência do professor de Educação Física da educação básica na escolha das pessoas pelo curso de licenciatura em Educação Física.

Tal estudo será realizado pelo graduando do curso de licenciatura em Educação Física Gabriel Luiz Zaneratto sob orientação da professora Lílian Aparecida Ferreira, ambos do curso de Educação Física da UNESP/Bauru. Por meio de uma entrevista, realizada individualmente, você irá responder algumas perguntas.

Neste encontro online, será realizada a leitura deste termo e sua manifestação, de aceite ou não, será verbal, sendo gravada por audiovisual.

Os riscos da pesquisa estão vinculados a eventuais desconfortos para responder as questões da entrevista. Em caso destas ocorrências, a pesquisadora irá lhe oferecer todo o suporte necessário. Para além destes riscos, cumpre destacar que, em virtude das restrições correspondentes ao controle absoluto do ambiente virtual, há limitações para assegurar totalmente a confidencialidade dos dados registrados em audiovisual. Ainda assim, nos comprometemos a fazer o *download* dos dados coletados para um dispositivo local, apagando todo e qualquer registro de plataforma virtual, ambiente compartilhado ou nuvem, zelando pelo seu arquivamento em local seguro com utilização exclusiva para fins acadêmico-científicos. O mesmo será realizado com o registro da sua manifestação relacionada ao termo de consentimento.

Enquanto benefícios, a sua participação auxiliará na compreensão de como o professor consegue manifestar vivências significativas para seus alunos de forma e de formas são motivados a seguir carreira de professor em Educação Física a partir deste contato com as aulas na Educação Básica.

Não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito seu. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação. Caso seja esse o caso, poderá enviar mensagem ao e-mail xxxxxxxxxxxxxxxx ou xxxxxxxxxxxxxxxx bem como ao telefone (14) XXXXXXXX para a retirada do consentimento. Nesta situação, enviarei para seu contato a sua resposta de retirada do consentimento do estudo.

Caso você não entenda algo sobre a entrevista, não goste de qualquer situação que identificar ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar tanto o graduando Gabriel quanto à professora Lílian pelos e-mails acima indicados.

Você não receberá nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa, tendo como gasto o uso de sua rede de internet para responder às questões da entrevista.

Em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será garantida a sua indenização.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações das Resoluções nº 466 de dezembro de 2012 e nº 510 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde que tratam da dignidade humana nas pesquisas científicas.

Eu _____
aceito participar da pesquisa.